

## “Antropologia reversa” e tecnologias digitais no contexto da migração internacional

DANIEL GORDILLO SÁNCHEZ\*

**Resumo:** Este artigo reflete sobre a dimensão criativa e reflexiva dos “objetos de pesquisa” ou dos informantes do antropólogo, no contexto dos estudos sobre a migração internacional, especificamente na corrente migratória de colombianos na cidade de Santiago, no Chile. Ressalta-se a importância dos imaginários e dos fatores socioculturais do fenômeno migratório, e, a partir disso, se evidencia como, através de um exercício de “antropologia reversa”, os sujeitos contestam o clássico divisor da pesquisa antropológica, “*nós*” e “*eles*”, reconfigurando as posições dentro da atividade investigativa. Desse modo, a partir de dois exemplos etnográficos se realçam e detalham os novos matizes e formas que adquire a interação entre pesquisador-pesquisado neste contexto, onde o etnógrafo é interpelado em campo. Além disso, dentro desse processo de quebra da “autoridade etnográfica” é fundamental ressaltar a incidência que têm as tecnologias digitais de comunicação, chaves na interação social e na conformação de redes sociais dos migrantes e potenciais migrantes. Isto provoca que os próprios instrumentos metodológicos do antropólogo sejam reavaliados/atualizados, conforme os mecanismos modernos para depositar e transmitir informação. Da mesma forma, com esta reflexão se espera questionar a retórica do texto etnográfico, e se mostram alguns possíveis caminhos para etnografias mais polifônicas nos estudos sobre a migração internacional.

**Palavras-chave:** migrantes no Chile; antropologia das migrações; método antropológico; texto etnográfico; reflexividade; etnografia virtual.

**Abstract:** In this paper we reflect on the creative and reflective dimension of "research subjects" or anthropologist's informants in the context of studies on international migration, specifically in the migratory movement of Colombians in Santiago, Chile. We emphasize the importance of imaginary and sociocultural factors of migration, and taking this into account, we show how, through an exercise of "reverse anthropology", the subjects contest the classic divisor of anthropological research, "we" and "they", reconfiguring the positions within the investigative activity. Thus, from two ethnographic examples we highlight the new forms that takes the interaction between researcher and researched in this context, where the ethnographer is questioned in the field. Moreover, within this process of breaking the "ethnographic authority" it is crucial to stand out the relevance that have the digital technologies of communication, very important in social interaction and in the formation of social networks of migrants and potential migrants. This causes that the methodological instruments of anthropologist are revalued / updated, according to the modern mechanisms for depositing and sharing information. Similarly, we intend to rethink the rhetoric of ethnographic text, showing some possible ways for more polyphonic ethnographies in studies on international migration.

**Key words:** migrants in Chile; anthropology of migrations; anthropological method; ethnographic text; reflexivity; virtual ethnography.



\* DANIEL GORDILLO SÁNCHEZ é mestrando em Antropologia Social - PPGAS, Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis, Brasil) e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.



Estación Central – Santiago de Chile

O presente trabalho discute sobre como o grande divisor ontológico da disciplina antropológica, “*nós*” e “*eles*”, é questionado pelos sujeitos ante a presença do etnógrafo, interessado em compreender o processo da migração internacional. Pretendo mostrar como os migrantes – cada vez mais familiarizados com a tecnologia dos *smartphones*, aparelhos centrais na

sua interação social dentro e fora da sociedade receptora - podem, eventualmente, contestar os pressupostos metodológicos do próprio antropólogo, sugerindo-lhe, de maneira subjacente, novos mecanismos para sua pesquisa, acordes com as formas modernas de depositar, transmitir e intercambiar informação. Para explicar esse fenômeno, empresto a noção de

“antropologia reversa” proposta por Roy Wagner (2010, p. 67-72) e, assim mesmo, suas contribuições para refletir sobre a dimensão inventiva e criativa dos nossos “nativos”. Paralelamente, interessa-me evidenciar como esta problematização da dicotomia “nós/eles”, feita pelos migrantes, tem – ou deveria ter – uma incidência direta no texto etnográfico, conforme tem sido ressaltado pela antropologia crítica norte-americana (MARCUS; CLIFFORD, 1986; MARCUS; FISHER, 1968).

Para discutir sobre estas questões, utilizarei alguns dados etnográficos recolhidos em pesquisa de campo junto com migrantes colombianos na cidade de Santiago de Chile, produto de inúmeras conversas com eles/as. Este empreendimento antropológico teve uma duração de dois meses e tinha como objetivo principal compreender como operava neste contexto o conceito de *redes sociais migratórias*, que se insere numa matriz sociológica (PORTES; DEWIND, 2006), referindo-se ao conjunto de laços e vínculos de solidariedade e confiança construídos pelas pessoas para encarar ou lidar com a experiência migrante. Igualmente, estas redes fornecem um leque de recursos físicos e potenciais (dinheiro, favores, empregos, ajudas de todo tipo) e informações chaves para facilitar a chegada de novos migrantes. Cabe ressaltar que minha aproximação sobre as redes sociais entre os migrantes colombianos assumiu um caráter mais narrativo-qualitativo, e menos gráfico-quantitativo, como tem sido proposto pelos chamados *Social network analysis* – *SNA*.

Sendo assim, como método de pesquisa adotei uma abordagem qualitativa, a partir da realização de entrevistas formais semiestruturadas, as quais

permitiram me aprofundar nas valorações e percepções dos atores sociais sobre sua experiência. Graças à técnica do *snowball* (bola de neve) acedi a uma cadeia de informantes que, depois de dialogar comigo, me colocavam em contato com seus amigos, familiares ou conhecidos, provocando que minha presença como pesquisador ou como *outsider* (parafreando a Elias e Scotson) fosse menos suspeita: eu ia “recomendado” pela pessoa anterior, era um menino que só queria fazer um “trabalho” para a faculdade - melhor dizendo, não era um agente do Estado, disfarçado de colombiano, procurando migrantes indocumentados. As entrevistas sempre foram levadas a cabo na casa dos migrantes, portanto, também tive a valiosa oportunidade de conhecer suas famílias, explorar brevemente seu universo doméstico e cotidiano, e, na maioria dos casos, compartilhar um café ou um jantar com eles. Em consequência disso, logo se desvanecia o caráter formal da interação “pesquisador-nativo”, atingindo outros matizes. Ora, além das entrevistas formais, durante o tempo que perambulei na cidade também estabeleci dezenas de conversas informais em lugares frequentados pelos migrantes, onde realizei algumas observações livres ou flutuantes. Em suma, fui munido a Santiago de Chile, de acordo com o cânon, com os instrumentos de um antropólogo: um caderno de campo, um gravador e uma caneta.

### ***Imaginando o sonho chileno***

A chegada da corrente migratória colombiana ao Chile é bastante recente e tem aumentado particularmente durante a última década. Este vertiginoso processo provocou, por exemplo, que a cidade chilena de Antofagasta (situada no norte do país,

aonde tem chegado massivamente população negra proveniente do Pacífico colombiano para trabalhar na indústria do cobre) hoje esteja sendo chamada, popularmente, de *AntoColombia*. Apesar da Colômbia ser um país tradicionalmente emigrante (processo decorrente do conflito armado interno, principalmente) a nações como Estados Unidos ou Venezuela, o destino chileno, é, certamente, uma novidade e sua celeridade tem surpreendido inclusive as próprias autoridades migratórias colombianas, como foi apontado pelo Cônsul colombiano no Chile numa das minhas entrevistas em campo. A pergunta que ficava então era... Como explicar esta migração singular à luz da teoria acadêmica?

Resumidamente, poderíamos dizer que a literatura científica acerca das migrações internacionais evidencia a predominância das correntes economicistas (ARANGO, 2003). Nesta linha de pensamento, a migração geralmente se explica em termos dos fatores salariais, oferta e demanda ou pobreza e riqueza, privilegiando uma perspectiva sobre o mercado internacional, a divisão do trabalho e a redistribuição espacial dos fatores de produção. Os migrantes são, sobretudo, “trabalhadores”, que buscam melhorar sua condição econômica, e, portanto, se deslocam a outro país onde possam receber uma melhor remuneração. Contudo, os teóricos oriundos das ciências sociais têm sido muito críticos com a rigidez ou a unidimensionalidade das aproximações econômicas, na medida em que elas tendem a desconsiderar a agência dos indivíduos, tomando-os como meras “vítimas” do capitalismo mundial, onde sua decisão de emigrar responde a uma operação racional custo-benefício produto de um interesse monetário (vide SAYAD, 1998; MASSEY et al., 1993; PORTES;

DEWIND, 2006; ARANGO, 2003). A minha pesquisa se inseriu neste marco teórico. Seguindo os caminhos apontados pelo *Ensaio sobre a Dádiva*, a grande teoria do laço social proposta por Mauss (2003), o último que eu buscava analisar era o racionalismo econômico envolvido no comportamento humano.

Mesmo que elementos como o da moeda (o peso chileno é aproximadamente quatro vezes maior que o peso colombiano) e o índice de desemprego (o do Chile é comparativamente menor com respeito ao da Colômbia) fossem fatores importantes nesta equação migratória, devia-se ampliar ou diversificar o ângulo de observação, compreendendo que as disparidades salariais entre os dois países seriam *necessárias, porém não suficientes* para uma leitura integral sobre o assunto, conforme o indicam os estudiosos da antropologia e a sociologia econômica. Nesse sentido, cheguei ao campo com o intuito de examinar o processo *além* do aspecto econômico (sem desconsiderá-lo ou excluí-lo da análise, é claro), preocupado por observar os componentes, intercâmbios e formas socioculturais que mostrariam que *havia algo mais* embutido. Isto só poderia ser captado desde uma perspectiva etnográfica, a partir da convivência e os testemunhos dos protagonistas deste fenômeno.

Nesse horizonte, segundo os bate-papos com meus interlocutores e minhas observações rotineiras em Santiago, percebi que os sujeitos chegavam ao Chile seduzidos pela “bonança econômica” (não conheci nenhum migrante desempregado), ocupando, geralmente, as vagas de trabalho não qualificado (nos setores de vendas informais, rodoviárias, restaurantes,

postos de gasolina, faxinas, babás, etc.); na maioria dos casos o “recém chegado” conseguia emprego rapidamente graças ao “poder das redes”, ao “boca a boca” dos compatriotas já estabelecidos na sociedade receptora, o que provocava uma espécie de “rodízio” na ocupação das vagas de emprego, motivado por um desejo de “retribuição” dos migrantes estabelecidos, agradecidos pelos favores recebidos por outros migrantes quando eles chegaram ao Chile. Eles sentiam a “obrigação” da reciprocidade (GORDILLO, 2015, p. 56). Não obstante, o elemento econômico não era *per se* a única razão que explicava o idílio dos novos visitantes em terras austrais; ele estava associado a outras variáveis determinantes para que uma pessoa tomasse a decisão de viajar.

Constatai, por exemplo, que as redes sociais migratórias, além de serem canais pelos quais circulam informações ou recursos (principalmente em relação a emprego), também são portadoras de imaginários, mensagens, sentidos e representações que idealizam o lugar de destino. Tais imaginários veiculados nas redes possuíam uma “força social” que “empurrava” os futuros viajantes à aventura; os imaginários sociais constituem o marco interpretativo subjetivo e coletivo de migrantes e não migrantes, e estão compostos por discursos valorativos ou depreciativos, crenças comuns, imagens ou metáforas, anelos e utopias, que lhe dão pleno sentido ao processo de deslocamento<sup>1</sup>. Como apontam Gupta e Ferguson, “Los lugares, al fin y al cabo, siempre son imaginados dentro de determinaciones político-económicas que tienen su propia lógica” (2008, p. 241).

<sup>1</sup> Para estudos de caso na América Latina sobre o papel dos imaginários nas migrações, ver: CHACÓN; GÓMEZ; ALAS, 2013; GOYCOECHEA; RAMÍREZ, 2002; PATIÑO, 2005.

Foi uma constante nas entrevistas a emergência de representações ao redor do “progresso”, a “tranquilidade”, a “modernidade”, a “ordem” ou a “não corrupção” presente no Chile, que contrastava com o “atraso”, a “violência”, a “insegurança”, o “desemprego” e a “corrupção” da Colômbia. Esta valorização do novo lar era transmitida aos que ficaram no país natal, motivando a estas pessoas para emigrarem. De tal forma, os migrantes no Chile não só enviavam “remessas econômicas” (muito significativas, diga-se de passagem) a seus seres queridos na Colômbia, mas também “remessas sociais”, quer dizer, um conjunto de mensagens, ideias, comportamentos, identidades e capital social que tinham efeitos não-econômicos (LEVITT, 1998, p. 927). Através do acesso a plataformas tecnológicas como *Facebook* ou *Whatsapp* (segundo minhas observações, os meios mais usados para a comunicação entre os migrantes e suas famílias e amigos) alguns entrevistados me relataram que, estando na Colômbia, viam as fotos e atualizações de seus familiares ou amigos morando no Chile, os quais eram interpretados pelos futuros viajantes como um sinal de *status*, de êxito ou de bem-estar. De tal forma, é notório que, atualmente, está em gestação um imaginário na Colômbia a partir do qual as pessoas acham que todo aquele que mora no Chile vive muito melhor, quase no paraíso. Em palavras de Jaime<sup>2</sup>, de 41 anos, que trabalha numa padaria:

*“Yo tengo gente en el Facebook, 3 años sin saludar, y de pronto ‘hola primo, cómo está eso por allá, cómo hago para irme? Primas que casi yo no trataba, el problema es que el colombiano cree que todo el*

<sup>2</sup> Todos os nomes dos e das imigrantes são pseudônimos.

*que se va para el extranjero es multimillonario, que tiene Mercedes. Si tenemos Mercedes, pero la señora que nos vende el pan en la esquina (...) Yo digo que si hay trabajo pero el costo de vida también es alto. No les mato el sueño, pero los aterrizo. No soy capaz de cerrarle las puertas a nadie, pues hay gente que vende hasta el alma para viajar”*

Nesse sentido, evidenciei que o processo migratório começa muito antes da viagem em si mesma. Infelizmente, minha pesquisa não podia dar conta dessa etapa tão significativa, onde se define o conjunto de ideias pré-concebidas que guiam e estimulam a peregrinação dos sujeitos. Apesar disso, ela podia dar pistas para futuros pesquisadores neste campo. Uma delas é a importância que teria a realização de uma etnografia simultânea que permitisse examinar os meios, as características e os mecanismos pelos quais são construídos os imaginários sobre o Chile no período *pré-migratório*, ou seja, na própria Colômbia; em relação aos estudos das redes sociais migratórias, este tipo de etnografia também facilitaria o rastreamento sobre a conformação das chamadas redes transnacionais, estabelecendo, inclusive, uma aproximação epistemológica com o conceito de redes sociotécnicas, central na recente virada ontológica da antropologia. Nesse sentido, George Marcus salienta que as migrações são o gênero de investigação mais usual para levar a cabo uma *etnografia multisituada* (1995, p. 106), que exige que o olhar do antropólogo se desloque de uma comunidade específica ou delimitada, para um plano que valorize as relações desenvolvidas pelos indivíduos em distintos locais, ponderando um diálogo entre o micro e o macro, a partir de uma estância em campo em diversas latitudes. Nessa

perspectiva metodológica é fundamental reconhecer que a globalização e o capitalismo têm trazido transformações para os atores sociais, de tal modo, o investigador deve conceber que as identidades dos sujeitos não são fixas ou estáveis, senão que estão em constante transformação, fragmentação e turbulência (MARCUS, 1991), ele precisa distanciar-se das concepções sólidas, estáticas e essencialistas de identidade, cultura e espaço (GUPTA; FERGUSON, 1997; 2008). À vista disso, um estudo com potenciais migrantes daria conta dos elementos técnicos, discursivos, imagéticos e emocionais pelos quais é construído o “sonho chileno” (como ele é “inventado”, usando palavras de Wagner) a partir de uma etnografia multisituada que compreenda os distintos intercâmbios e conexões entre colombianos residentes no Chile e seus familiares e amigos na Colômbia, onde o pesquisador deve se ocupar dos fluxos e associações que ocorrem no curso da ação humana e não humana, como aponta Latour (2012). Isto se torna fundamental para rastrear os canais e dispositivos pelos quais se conformam os repertórios simbólicos que acompanham a decisão econômica de viajar para o Chile, oferecendo outras interpretações para o crescimento acelerado desta corrente migratória.

### ***¿Que tal las garotas?: o antropólogo em debate***

A migração transnacional tem aprimorado as habilidades dos sujeitos em relação ao reconhecimento de novas tradições e experiências, o estabelecimento de relações interculturais, a resolução de conflitos, o uso das tecnologias, entre muitas outras (KOEHN; ROSENAU apud VERTOVEC, 2009, p. 70-71). Assim, os migrantes, antes que trabalhadores

empenhados em oferecer sua força produtiva ao capital internacional, são pessoas distanciadas de seus contextos socioculturais locais, obrigados a sobreviver em novos cenários e a reinventar suas identidades (muitas vezes, afirmando-as). Querendo ou não devem estar abertos à alteridade, têm que desenvolver estratégias para lidar com sucesso com os novos esquemas culturais, econômicos, políticos e jurídicos nos quais se inserem (macroestruturas que, por sua vez, geralmente os rejeitam). Esta tensão os torna em sujeitos capazes de oscilar em mundos distintos, competentes no domínio de dois ou mais “idiomas culturais” - e linguísticos, em ocasiões -, seres que diariamente imaginam, planejam, se projetam, têm utopias, medos, crises e anseios. Homens e mulheres que encaram a diferença nas suas atividades cotidianas. “*Mi objetivo es llegar a Estados Unidos*”, “*Yo estoy acá en Chile de paso*”, “*He conocido chilenos buena gente y otros no tanto*”, “*Aquí me la llevo muy bien con los peruanos y los dominicanos*”, “*A donde esté buena la situación yo llego*”, foram as falas de alguns indivíduos que dão conta de seu espírito nômade, de sua abertura cultural. De certa forma, o mundo para eles perdeu seus limites, a base ontológica de outrora se desmanchou, bem como as categorias de espaço e lugar. Atravessaram a porta do conhecimento de outro(s) mundo(s). Milhares de pessoas com a sensibilidade necessária para se tornarem antropólogos(as).

Sendo assim, registrar e analisar as formas *online* e *off-line* como os atores imaginam e recriam seu universo simbólico é chave para os etnógrafos envolvidos nos estudos da migração internacional, os quais podem ser também objeto de apreensão. A imaginação e a curiosidade dos

migrantes são especialmente invocadas pela chegada súbita de um pesquisador, ávido de informações, que, além disso, compartilha a mesma nacionalidade dos seus “objetos de pesquisa”, mas mora num terceiro país (que não é nem o Chile nem a Colômbia). Relatarei duas situações etnográficas que ilustram este aspecto:

*Haber diga algo en portugués!* foram as palavras de Maria, uma senhora de 60 anos, quando lhe contei que vinha de uma universidade brasileira e que, em função do meu Trabalho de Conclusão de Curso, queria entrevistá-la. Ela era refugiada política e fazia cinco anos que morava em Santiago. Vários de seus familiares tinham viajado também ao longo dos últimos anos. Viviam todos na mesma casa. Eu tinha me preparado com um caderno (com o logo visível da universidade, a fim de evitar algum tipo de desconfiança, pois os refugiados não concedem entrevistas tão facilmente) e um lápis para fazer anotações. Quando ia por “Boa Noite”, chegaram do serviço seu filho maior, Rubén, com sua esposa, Yolanda (ambos trabalhavam como guardas de segurança no centro de Santiago). De repente, minha identidade se tornou uma incógnita que devia, inexoravelmente, ser decifrada pelo coletivo. *Y tú, cómo es eso que vienes de Brasil? También se va a quedar acá en Chile?* Para eles, eu era um ser exótico visitando-os (não era *mais um* migrante convencional), por isto, virei seu alvo principal de atenção. Nesse momento se circunscreviam três realidades: a colombiana, a chilena e a brasileira; esta última do seu total interesse. Suas perguntas gravitavam sobre o preço das coisas, as oportunidades de emprego, a música, a educação, a segurança, a cultura, etc. *Allá en Brasil si se celebra la navidad?, porque acá en Chile son muy aburridos,*

*nosotros somos los únicos del conjunto que armamos la fiesta*, protestou Rubén.

Maria, Rubén e Yolanda queriam desentranhar as razões pelas quais aquele estudante colombiano se encontrava essa noite na sua casa, sentado na mesa onde comem diariamente. *Pero me imagino que le están pagando por esa investigación, no? Es que Brasil está muy bien economicamente!* manifestou Maria. Dada minha versão cautelosa sobre a realidade brasileira, o contraponto de perguntas e repostas se centrou sobre minha história familiar. *Cómo fue que usted salió de Colombia y tan joven?* Tive que fazer um breve relato autobiográfico e ampliar os acontecimentos que provocaram minha partida para Brasil. Isto incluiu, é claro, a desafiante tarefa de explicar o que era a antropologia, e justificar por que a tinha escolhido como caminho de vida. *Esos son los que se encargan de los huesos y esos entierros debajo de la tierra?*, perguntou Yolanda, - *No, esos son los arqueólogos, pero digamos que somos de la misma familia*, respondi para sair da encruzilhada pela tangente.

Quando menos o imaginei, estava mais próximo de um grupo focal do qual eu fazia parte, do que de uma entrevista formal que eu devia dirigir. Perguntas e repostas iam e viam. Tratou-se de uma conversa de um conjunto de indivíduos que tinha um desvelo pelo Outro, onde eu obtinha informação dos entrevistados, porém, ao mesmo tempo, era interpelado por eles. Por mais que eu tentasse direcionar o barco para perseguir as perguntas que eu tinha preparado, a maré era turbulenta, não

havia capitão, e isso não estava na previsão do clima. Não tinha me preparado para ser abordado com tamanha intensidade e para ver ameaçada minha “objetividade” acadêmica. Isso não estava nos conteúdos das disciplinas de método que tinha tomado. Consciente de que a entrevista não tinha sido o suficientemente produtiva para mim, e dado que as crianças que moravam na casa tinham sido pressas do sono, Maria me disse: *Páseme su WhatsApp y seguimos hablando, te puedo contactar con mis amigos, me puedes preguntar lo que quieras por ahí...* Respondi que não usava telefone inteligente ou *smartphone*, mas que às vezes abria o Facebook. Percebi que essa não era a resposta que ela esperava, mas combinamos em trocar e-mails e seguir em contato. Na sequência relatarei a segunda situação.

\*\*\*

Eram as 22ha quando Saul, um senhor de 53 anos que vende roupas no bairro Meiggs de Santiago, num gesto paternal, ia me acompanhar a pegar um taxi que me levaria de volta ao apartamento onde eu me alojava, pois já não encontraria uma estação do metrô aberta. A nossa entrevista, de aproximadamente uma hora, tinha se dado em seu modesto apartamento. Depois de desligar o gravador e agradecer-lhe pela colaboração, Saul exclamou: *“Hijo, tómese un cafesito antes de irse”*. Eu aceitei prazerosamente. Primeiro, porque faz muito tempo que não provava o elixir do café colombiano, e, principalmente, porque me reconfortavam os momentos nos quais se quebrava a rigidez “pesquisador-pesquisado”. A partir desse momento, não entanto, os papéis se intercambiaram.

Enquanto Saul preparava umas sopaipillas (massa típica chilena feita de farinha de trigo, fritas em azeite), para acompanhar a bebida, me perguntou: *Bueno, y qué tal las garotas del carnaval en Brasil, muy lindas no? - No sé don Saúl, puede creer que no he conocido la primera?*, respondi. – *Como así, pero luego usted no viene de Brasil pues? En las noticias aparecen esas garotas!*, replicou perplexo. - *Sí, sí señor, pero vengo de una pequeña ciudad donde el carnaval no es celebrado como en las grandes ciudades costeras, como Rio de Janeiro, y por eso no he visto esas chicas maquilladas y adornadas de las comparsas que aparecen en televisión*, lhe contestei. Aos poucos a conversa girou entorno a minha experiência em Foz do Iguaçu. Agora era Saul o interessado em conhecer meu mundo e minhas percepções como migrante, pois afinal das contas, nos dois éramos do mesmo bando, errantes que tínhamos comprado uma passagem de saída da Colômbia, mas não de volta...

*Es muy caro Brasil? Es muy difícil el idioma? Cómo viajó para allá? Se piensa quedar? Qué tal tratan allá a los colombianos? Cómo se mantiene? Y sus papas que dicen? Qué es lo que más extraña? Es verdad que los brasileiros son tan buenos en el fútbol? Y las fabelas, muy peligrosas?*, foram algumas indagações lançadas por Saul. Tentei estar à altura de sua curiosidade. Contudo, seguramente o defraudei, pois eu não parecia ser um reflexo do Brasil que ele imaginava, a partir do que tinha visto em filmes ou nas notícias. Eu não representava o retrato carnavalesco da praia de Ipanema, das façanhas de Ronaldo e companhia, ou do Filme Tropa Elite. Pelo contrário, eu era o porta-voz de um esquema de valores distinto, fronteiro, de uma região com outras características geográficas e

culturais que, pelo que notei, se distanciavam de seus imaginários e crenças. A pesar disso, Saul se mostrou sempre ativo em me conhecer, caracterizar e historicizar minha experiência vital. O diálogo tomou rumos inesperados e se tornou cativante, no entanto, tinha que voltar a casa. Já eram as 2 da manhã.

Gostaria me focalizar em dois elementos baseado nestes exemplos em campo. O primeiro, comum nas duas situações, é o fato de eu ter virado “objeto de pesquisa” pelos sujeitos aos quais investigava, eles/as se mostraram bastante apreensivos para fazer minha presença inteligível. Não é todo dia que um colombiano desconhecido, estudando no Brasil uma carreira chamada antropologia, aparece no Chile fazendo entrevistas para sua dissertação da universidade, e, mais estranho ainda, interessado em ouvir as vozes dos migrantes e considerá-las importantes. Assim, com estas experiências se observa que a comunidade pode ela própria experimentar um leve “choque” com sua presença – talvez devêssemos chamá-lo “choque com o antropólogo” – e se tornar autoconsciente de seus atos. Também para ela o “controle” é um problema importante. Mas o problema da comunidade não é o mesmo do antropólogo, que consiste em administrar sua competência pessoal ao lidar com outros: **o problema da comunidade é simplesmente controlar o antropólogo** (WAGNER, 2010, p. 49-50, grifo próprio).

A minha intromissão nas casas dos migrantes, sem dúvida, causou um “barulho” na sua lógica cotidiana, portanto, eles assumiram uma atitude ativa e metódica para conferir-lhe ordem e sentido a minhas pretensões. As informações oferecidas por mim eram, inclusive, a fonte para a

elaboração de um método comparativo “nativo” (categoria que deve colocar-se em suspenso nos estudos migratórios, pois as pessoas, justamente, se deslocaram do lugar onde “nasceram”), onde os indivíduos avaliavam o padrão de vida em outro país (no caso, Brasil), e o comparavam minuciosamente com sua condição atual no Chile. Minhas respostas as suas perguntas também lhes possibilitava confrontar seus imaginários sobre esses outros lugares. Nessa perspectiva, a tarefa do antropólogo é desnaturalizar ao nativo como “preso espacialmente”, já que as pessoas constroem, imaginam, questionam e impõem constantemente as noções de espaço e lugar (GUPTA; FERGUSON, 2008, p. 249-50). Portanto, é fundamental reconhecer e representar a dimensão inventiva e criativa dos nossos sujeitos (WAGNER, 2010). Evidenciamos que os polos “nós” e “outros”, sujeito e objeto, tomados como sítios ontológicos dados, deixaram de serem unidades homogêneas e autocontidas, para ocupar posições no interior de relações (MALUF, 2010, p. 47; 53). Porém, mais que uma simples inversão de papéis, esses momentos de desajuste e ruptura nos quais eu me tornei o centro de atenção por parte deles(as), me levaram a desenvolver um exercício autocrítico e reflexivo, sobre minha própria identidade. Em relação a que especificamente? Vejamos. A Organização Internacional de Migração define a *migração internacional* como:

Movimiento de personas que dejan su país de origen o en el que tienen residencia habitual, para establecerse temporal o permanentemente en otro país distinto al suyo. Estas personas para ello han debido atravesar una frontera. (OIM, 2006, p. 40).

Durante os bate-papos com os informantes me confrontei a mim mesmo como um “migrante” e não como um simples “estudante internacional” (atribuição à qual me identificava até então, em grande parte, por minha condição de bolsista). Eu tinha virado um migrante desde que saí da Colômbia em 2012 para estudar no Brasil, por objetivos não econômicos, mas fora do meu país natal, o que, certamente, me encaixava na definição da OIM. O fato de estar perseguindo objetivos acadêmicos e não de trabalho, como a maioria dos migrantes internacionais, não me fazia “menos migrante”, simplesmente me conferia vários privilégios. Bastava deambular pelas ruas do centro de Santiago para encontrar centos de paisanos, Outros que, como espelho, me devolviam a imagem de que eu fazia parte de sua comunidade. Este “exílio em comum” com os atores sociais – que por vezes me atribuía uma condição mais próxima de um *insider* – permitiu que as conversas com eles se dessem com certa confiança e fluidez, fato que, por sua vez, foi fundamental para que eu fosse interrogado por eles, para que o imaginário –categoria de ida e volta– fosse estendido para mim. Observador e observado pertencem a uma cultura, no seu encontro o antropólogo experimenta a transformação de seu próprio universo (WAGNER, 2010).

Um segundo elemento interessante a ser sublinhado tem a ver com as ferramentas usadas no método etnográfico. Como consta no primeiro exemplo, no final da minha conversa com Maria e sua família, me foi solicitado meu *Whatsapp* para continuar o contato iniciado face a face. No momento não lhe dei muita importância ao fato de não possuí-lo, no entanto, *a posteriori* da minha estadia em campo, vislumbrei que esse aplicativo, e outros,

podem se tornar muito úteis nos estudos contemporâneos sobre a migração internacional. Marcus (1991;1995) apontou que a globalização tem gerado transformações para os indivíduos, os quais respondem ativamente a esse movimento, se apropriando e ressignificando distintos produtos culturais, portanto, as pessoas não deveriam ser concebidas como vítimas acrílicas do sistema mundial capitalista (SAHLINS, 1997, p. 50). No contexto das migrações, o industrialismo moderno representado pelas tecnologias digitais de comunicação, longe de serem imposições que “aculturam” ou “colonizam” aos atores sociais, têm lhes permitido desenvolver redes de intercâmbio, reciprocidade e comunicação, muitas vezes ajudando-os a sobrelevar a solidão. A incursão de novos produtos e ferramentas tem possibilitado que os migrantes construam comunidades multilocais de dimensões globais (MARCUS apud SAHLINS, 1997), suas interações sociais ganharam outros contornos ocasionados pelas tecnologias digitais. Desse modo, deve-se reconhecer que a globalização também produz transformações para o próprio antropólogo, e para o método que emprega. Dentro do mundo globalizado, o etnógrafo deve acompanhar ativamente os câmbios tecnológicos, analisando as suas implicações socioculturais para as relações e os universos simbólicos e materiais das pessoas que estuda. Neste esforço metodológico, ele deve alfabetizar-se no uso de tais aplicativos - no caso que não esteja muito familiarizado com eles, seja por razões políticas, ideológicas, filosóficas, ou, inclusive, econômicas. Está chamado a participar de dita dinâmica, como um bom observador-participante.

O cada vez mais usado aplicativo *WhatsApp* propõe um cenário interessante para pensar em novos desdobramentos da etnografia clássica, de “carne e osso”, de diário de campo e caneta. Este aplicativo assume uma centralidade na interação do dia a dia, oferecendo uma produtividade social para os migrantes: através dele criam comunidade e grupos de interesse, se marcam encontros e festas pátrias, se compartilham informações chaves, se trocam imagens, vídeos e áudios, se ajudam aos futuros migrantes, se aproxima ao outro distante, se dinamizam as relações sociais. Além disso, este aplicativo de mensagens permite, como foi sugerido por Maria, estabelecer um contato mais duradouro e horizontal com um potencial pesquisador, questionando a hierarquia pesquisador-pesquisado, onde o etnógrafo permanece distanciado na medida em que ele sustenta a posição de autoridade (CLIFFORD, 1986). “Pegar” os *WhatsApp* dos migrantes também permitiria, eventualmente, que o antropólogo possa ampliar certas informações ou detalhes para sua pesquisa, caso ele tenha-se esquecido, ou não tenha tido as condições, de perguntar alguma coisa durante suas entrevistas e conversas presenciais. Simetricamente, isto também abre a possibilidade que os entrevistados contatem ao antropólogo em qualquer momento. À vista disso, minha relutância ao uso de um *smartphone*, e ao acesso às redes sociais digitais, se mostrou como um empecilho à pesquisa. Ela impossibilitou que a minha relação presencial com os migrantes adquirisse uma dimensão virtual, altamente valorizada nesse contexto. Daí a reação de incredulidade da Maria, e de muitos outros migrantes, quando lhes manifestei minha distância com as tecnologias. Não é possível ser

um migrante, ou um antropólogo interessado em migrações, e não estar interconectado. Aqui é um paradoxo fugir do vanguardismo.

O advento das tecnologias digitais tem proliferado as chamadas *netnografias*, ou as etnografias no ciberespaço (RIFIOTIS, 2016), cuja literatura científica e possibilidades de ação têm começado a crescer paulatinamente. Ainda assim, ressalto que no contexto das migrações elas só dariam novas ênfases à etnografia convencional, e não deveriam constituir a fonte primária de dados. O antropólogo inserido neste âmbito deve saber lidar com o grande fluxo de dados obtidos na pesquisa etnográfica, os quais assumem uma cara *online* e outra *offline*. Não é que o *WhatsApp* e o *Facebook* criem algo novo, estes aplicativos se sustentam nas relações face a face que já existem, são, apenas, novas caras da sociabilidade humana. Nesse sentido, a etnografia virtual “continua sendo importante para resolver problemas de pesquisa relativos à necessidade de pensar a internet, por exemplo, como um espaço social no qual se pode legitimamente fazer pesquisa antropológica” (RIFIOTIS, 2016, p. 88).

Estes aspectos nos convidam a levantar alguns questionamentos sobre as implicações que trazem as ferramentas e aplicativos digitais de comunicação para o método antropológico clássico. Pode-se considerar um intercâmbio de áudios entre pesquisador e seus interlocutores, por meio de uma plataforma tecnológica, como uma entrevista no sentido estrito? A troca de mensagens por *chat* ou de e-mails se configura como um questionário? As imagens, comentários e atualizações no Facebook podem ser usados como dados etnográficos? Se faz etnografia de um grupo humano analisando grupos em

*WhatsApp*? Os registros etnográficos podem ser sistematizados em um diário de campo digital? Como vimos, no contexto da migração internacional, são os próprios migrantes que têm trazido respostas inovadoras sobre estes questionamentos, mostrando os caminhos que o antropólogo deve seguir a esse respeito, e indicando que uma etnografia virtual deve ser efetuada com o mesmo rigor que o antropólogo usa em uma etnografia presencial, e que para isso, o primeiro passo, é contar com as ferramentas necessárias.

### Uma consideração final

Por fim, destaco que a revisão da literatura científica sobre as migrações demonstrou a existência de uma grande quantidade de estudos sociológicos e antropológicos que procuram dar conta, desde distintas perspectivas teóricas, de como é vivenciada e interpretada a experiência migratória pelos atores sociais, no entanto, pouco têm se debruçado sobre as percepções que essas pessoas têm sobre nós, os pesquisadores. Tais estudos não evidenciam aos informantes como coautores dos textos etnográficos (CLIFFORD, 1986, p. 17) e ainda conservam uma escrita monológica portadora de verdades científicas, não questionadas, destinadas a um público leitor de especialistas (CLIFFORD, 2001, p. 43-64). As migrações internacionais constituem uma área fértil para realizar um deslocamento neste sentido, pois fornecem as condições empíricas para a redação de textos mais polifônicos. Neste sentido, a crítica pós-moderna norte-americana tem o grande valor de chamar a atenção para repensar os regimes de representação, ela põe em dúvida a radical separação entre o “nós” e a otredade do outro, revelando como se produz a diferença num mundo cultural,

social e economicamente interconectado (GUPTA; FERGUSON, 1997; 2008). Por outro lado, discutir sobre as características atuais que assume a noção de “trabalho de campo” nas aproximações sobre a migração, fenômeno perpassado completamente por inovações tecnológicas, objetos e novas formas de comunicação, nos obriga a confrontarmos com os métodos tradicionais que usamos dentro da disciplina, repensando a nossa identidade intelectual como antropólogos e as formas como se produz o conhecimento antropológico (GUPTA; FERGUSON, 1997, p. 103), cujas condições de elaboração devem ser problematizadas, na medida em que cada vez mais se multiplicam as experiências dos pesquisadores com o ciberespaço (RIFIOTIS, 2016, p. 86).

Inspirado nestas contribuições analíticas, acredito que as notas e falas arquivadas no meu caderno de campo e no meu gravador sobre esses momentos nos quais fui interpelado em campo (usualmente omitidas nos textos etnográficos formais) podem participar do debate da disciplina, pois traçam algumas direções para revisar alguns pressupostos teórico-metodológicos da antropologia, bem como a retórica do texto que narra o fenômeno da migração no marco da globalização. Explicitar tais dissonâncias em campo, parafraseando ao Wagner, faz mais transparente a forma como se dá o empreendimento antropológico.

Este breve trabalho foi uma tentativa de mostrar e valorizar esses episódios, dando relevância à forma como se leva a cabo a interação entre pesquisador-pesquisado. Nesse exercício de “antropologia reversa”, de apreensão do outro sobre nós, os migrantes se mostraram como os guias da pesquisa, como sujeitos cognoscentes, e não

como fontes de informação para futuras representações acadêmicas unívocas. De tal forma, a antropologia sobre as migrações contemporâneas traz enormes contribuições para uma antropologia mais autoconsciente e crítica, a qual deve recursar-se a oferecer uma interpretação sobre o Outro, antes de fazer uma análise reflexiva sobre ela mesma.

#### Referências

- ARANGO, J. La explicación teórica de las migraciones: luz y sombra. **Migración y desarrollo**, n. 001, p.1-30, 2003.
- CHACÓN, F.; GOMEZ, L.; ALAS, T. Configuración de imaginarios sociales sobre la migración irregular en jóvenes potenciales migrantes y retornados. **ECA Estudios Centroamericanos**, v. 68, n.735, p. 511-543, 2013.
- CLIFFORD, J.; MARCUS, G. **Writing Culture – The Poetics and Politics of Ethnography**, Berkeley: University of California Press, 1986.
- CLIFFORD, J. Sobre la autoridad etnográfica. **Dilemas de la cultura: antropología, literatura y arte en la perspectiva posmoderna**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2001.
- GORDILLO, D. **¡Véngase que esto es la maravilla!: Redes e imaginarios de la migración colombiana en Chile**. Trabalho de Conclusão de Curso (Antropologia – diversidade cultural latino-americana). Foz do Iguaçu: UNILA, 2015.
- GOYCOECHEA, A.; RAMÍREZ, F. Se fue, ¿a volver? Imaginarios, familia y redes sociales en la migración ecuatoriana a España (1997-2000). **ICONOS, Revista de FLACSO-Ecuador**, n. 14, p. 32-45, ago., 2002.
- GUPTA, A.; FERGUSON, J. Más allá de la "cultura": espacio, identidad y las políticas de la diferencia. **Antípoda Revista de Antropología y Arqueología**, n.7, p. 233- 256, 2008.
- GUPTA, A.; FERGUSON, J. **Anthropological Locations. Boundaries and Grounds of a Field Science**. Berkeley: University of California Press, 1997.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede**. Trad.

- Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.
- LEVITT, P. Migration Driven Local-Level Forms of Cultural Diffusion. **International Migration Review**, v. 32, n. 4, p. 926-948, 1998.
- MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: \_\_\_\_\_. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 183 – 312.
- MARCUS, G. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. **Annual Review of Anthropology** 24, p. 95-117, 1995.
- MARCUS, G. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. **Revista de Antropologia**, São Paulo: USP, v. 34, p. 197-221, 1991.
- MARCUS, G.; FISHER, M. **Anthropology as a cultural critique**. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1986.
- MASSEY, D.; ARANGO, J.; GRAEME, H.; KOUAOUCI, A.; PELLEGRINO, A.; TAYLOR, E. Theories of International Migration: a Review and Appraisal. **Population and Development Review**, v. 19, n. 3, p. 431-466, 1993.
- ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL PARA LAS MIGRACIONES. **Glosario sobre migración**. Disponível em: [http://publications.iom.int/bookstore/free/IML\\_7\\_SP.pdf](http://publications.iom.int/bookstore/free/IML_7_SP.pdf). Acesso em 7.04. 2016.
- PATIÑO, M. Representaciones sociales, percepciones e imaginarios de jóvenes ecuatorianos de jóvenes ecuatorianos de jóvenes ecuatorianos, artesanos/indígenas y artistas/estudiantes, inmigrantes en Francia. **Alternativa: Cuadernos de Trabajo Social**, n.13, p. 165-195, 2005.
- PORTES, A.; DEWIND, J. Un diálogo transatlántico: el progreso de la investigación y la teoría en el estudio de la migración internacional. In: PORTES, A.; DEWIND, J., (coords.) **Repensando las migraciones: nuevas perspectivas teóricas y empíricas**. México, D.F.: Universidad Autónoma de Zacatecas, 2006. p. 7-31.
- RIFIOTIS, T. Etnografia no Ciberespaço como “repovoamento” e explicação. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 31, nº90, 2016.
- SAHLINS, M. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção. **Mana**, vol.3, n.1, 1997.
- SAYAD, A. O que é um imigrante? In: SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p. 45-72.
- VERTOVEC, S. **Transnationalism**. London and New York: Routledge, 2009.
- WAGNER, R. **A Invenção da Cultura**, São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Recebido em 2016-08-10

Publicado em 2017-07-06